

Análise crítica da tradução de *Le Guide du Zizi Sexuel* (2001) para o português do Brasil

Bianca Melyna Negrello Filgueira*

Introdução

Brasil, século 21. Parece estranho, mas a educação sexual é ainda um assunto cercado de muitos tabus e demonizado pela pauta “conservadora nos costumes”. Presenciamos uma clara expressão disso na campanha para as eleições presidenciais brasileiras de 2018, quando o tema veio à tona na ocasião em que o então candidato da extrema-direita, Jair Bolsonaro (filiado, à época, ao Partido Social Liberal - PSL), disseminara informações falsas sobre um suposto material do Ministério da Educação (MEC) que seria distribuído nas escolas brasileiras.

O suposto material ficou conhecido pelo nome pejorativo de “*kit gay*”, no qual estaria contido o livro *Aparelho sexual e cia* (DELLA COLETTA, 2018), uma publicação de 2007 da editora Companhia das Letras cuja tradução é assinada por Eduardo Brandão. O livro é uma tradução de *Le guide du zizi sexuel* (doravante *Le guide...*), de Hélène Bruller e Philippe Chappuis (quadrinista conhecido como Zep), publicado originalmente na França em 2001 pela editora Glénat.¹

Essa não foi a primeira vez que um livro sobre educação sexual voltado para o público infantojuvenil foi repudiado por parte da classe conservadora brasileira. Basta lembrar de *Mamãe, como eu nasci?*, do sexólogo Marcos Ribeiro, lançado em 1988, que também foi alvo de censura e polêmica. O livro, que conta com apresentação de ninguém menos do que Paulo Freire e possui três edições, foi recolhido das escolas da rede

* Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

¹ Em 2020, uma nova edição, revista e ampliada, foi publicada na França.

municipal de Recife em abril de 2010 por determinação da Secretaria da Educação do município, alegando que a decisão fora motivada por reclamações de pais de alunos, que classificaram a obra como “obscena” (CHAVES, 2010). Esse episódio é, portanto, anterior ao do suposto “kit gay”, mas semelhante em seu teor: duas obras sobre educação sexual para o público infantojuvenil, respaldadas por especialistas em educação, separadas de seus “censores” em cerca de duas décadas após sua primeira publicação.

A conexão entre esses dois fatos e essas duas obras, uma delas escrita em português e, portanto, não mediada por um tradutor, fez com que a hipótese de que talvez fosse possível encontrar na tradução de *Le guide...* para o português do Brasil respostas sobre o porquê da rejeição da obra pela classe conservadora brasileira logo se revelasse ingênua. Depreende-se que, seja qual for a abordagem, o grau de rigor científico e de cuidado com a linguagem, o público conservador simplesmente não aceita a inserção desse tipo de temática seja na escola seja em quaisquer outros espaços por onde circulem crianças e adolescentes.

Outras perguntas sobre as questões tradutórias que envolvem a obra surgiram então: de que maneira o tradutor lidou com termos potencialmente embaraçosos para determinados tipos de leitores? Quais foram suas escolhas quanto aos interlocutores? Foi priorizado o público leitor ou o público mediador (pais, professores, instituições etc.)? A gramática dos quadrinhos foi adequadamente levada em conta na tradução dos cartuns?² O que os paratextos³ informam sobre a obra, em especial ao se ver inserida numa narrativa política quimérica e perversa, baseada em manipulação e *fake news*?

O modelo proposto por Lambert (2011) nos convida a olhar para diversos elementos que constituem a obra a ser analisada, permitindo, assim, “ignorar um número de ideias tradicionais profundamente

² Este termo será discutido em seção posterior deste artigo.

³ O termo “paratextos”, postulado por Gérard Genette (2009) foi aqui adotado por conveniência, já que ele engloba “epitextos” e “peritextos”, também considerados por Genette e analisados neste artigo. A respeito da precisão desses termos, Genette esclarece: “o critério distintivo do epitexto em relação ao peritexto — ou seja, segundo nossas convenções, a todo o resto do paratexto — é, em princípio, puramente espacial. Epitexto é todo elemento paratextual que não se encontra anexado materialmente ao texto no mesmo volume, mas que circula de algum modo ao ar livre, num espaço físico e social virtualmente ilimitado.” (p. 303)

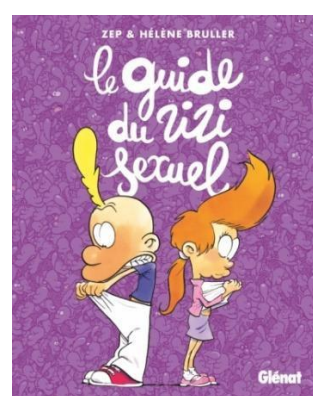
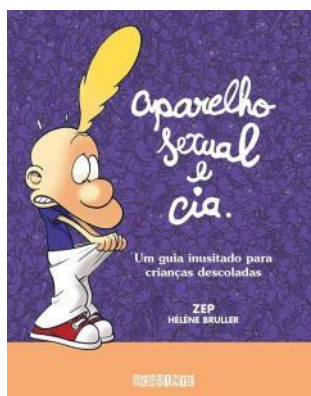
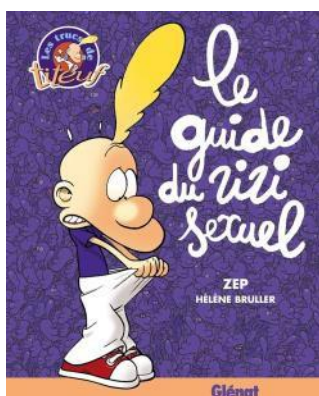
enraizadas relativas à ‘fidelidade’ e até mesmo à ‘qualidade’ tradutória (uma determinada tradução é boa ou ruim?), as quais essencialmente priorizam o texto-fonte e inevitavelmente são normativas” (LAMBERT, 2011, p. 212). Dessa maneira, esta análise se concentrará em paratextos relacionados às duas edições francesas de *Le guide...* e à única tradução publicada no Brasil, referente à primeira edição francesa. Além disso, a análise de algumas escolhas tradutórias será baseada no capítulo 2 da primeira edição francesa e de sua única tradução para o português do Brasil. Tal capítulo foi escolhido por ser o primeiro a trazer temas e termos potencialmente embaraçosos para determinados tipos de receptores, e que provavelmente exigiram do tradutor exames mais detidos e tomadas de decisão mais refletidas. Para fins didáticos, este artigo está dividido em cinco partes.

O projeto na França e no Brasil: estrutura, tema, traduções

Le guide... é, como diz o nome, um guia para pré-adolescentes sobre uma série de dúvidas que costumam surgir ainda na infância e se intensificam nessa fase da vida, desde questões sobre o corpo até indagações sobre desenvolvimento, comportamento, relações, entre outras.

Como já mencionado, uma primeira edição do livro foi publicada na França em 2001, cuja tradução para o português do Brasil só chegou ao mercado editorial em 2007. Uma nova edição francesa, revisada e ampliada, foi publicada em 2020, para a qual não temos tradução para o português do Brasil.

Figura 1: Capas das edições francesas e da edição brasileira, respectivamente: edição francesa publicada em 2001, tradução para o português do Brasil publicada em 2007 e nova edição francesa publicada em 2020



No *website* da editora Glénat, atualmente só podemos encontrar informações sobre a nova edição. Na ficha técnica, o livro aparece classificado como “*BD tout public*”, integrando a coleção “*Tchô!*”, que conta com 297 títulos de histórias em quadrinhos variadas.⁴ Há um texto de apresentação da obra, informações sobre os autores e um excerto do livro, começando pelo sumário. É possível navegar pelas páginas de amostra, que não são sequenciais.

No *website* da Companhia das Letras, editora responsável pela edição brasileira, consta na ficha técnica que o livro pertence ao selo “*Seguinte*”, que é o responsável pelo segmento jovem da editora. Na mesma página, também encontramos um texto de apresentação, as mesmas informações que constam no *website* da editora Glénat sobre os autores e, ainda, um *link* no nome do tradutor Eduardo Brandão. Ao clicar no *link*, encontramos algumas informações sobre a vida do tradutor e um botão para visualizar as obras da Cia das Letras traduzidas por ele. Ao todo, são 133 obras só dessa editora, a maioria infantojuvenil, mas algumas também do campo das Ciências Humanas.

A primeira edição francesa foi traduzida integralmente para o

⁴ No *website* da editora Glénat, constam poucas informações sobre a coleção: “A coleção Tchô! nasceu do caminho aberto por Zep, com seu célebre personagem do topete: Titeuf! Na Tchô!, públicos de todas as idades poderão reencontrar e descobrir personagens criativos e engraçados, comoventes e cativantes!”. [« La collection Tchô! est née dans le sillon creusé par Zep, avec son célèbre personnage à la mèche : Titeuf ! Dans Tchô! , tous les publics pourront retrouver et découvrir des personnages inventifs et rigolos, émouvants et attachants ! »]. Todas as traduções, quando não informado o contrário nas referências bibliográficas, são de minha autoria.

português do Brasil, respeitando a mesma estrutura formal no que diz respeito a títulos dos capítulos e informações paratextuais, com poucas diferenças.

Ao se comparar as capas, a primeira coisa que se destaca é a presença de um paratexto na edição brasileira contextualizando o gênero da obra: “um guia inusitado para crianças descoladas”. Tal elemento não está presente em nenhuma das edições francesas.

Outra questão que chama a atenção, mas desta vez entre as duas diferentes edições francesas, é a mudança da cor predominante e da ilustração de capa. Na primeira edição, a cor predominante era o azul e a ilustração mostrava apenas Titeuf espiando curioso para dentro de suas calças. Essas escolhas, associadas ao título do livro em francês, que será discutido mais adiante, promovem uma comunicação essencialmente com o público masculino. Já na nova edição francesa, vemos na capa a mesma ilustração de Titeuf, mas agora acompanhado de Nadia, personagem que aparece em suas histórias, provavelmente buscando comunicar que o conteúdo não é voltado apenas para meninos, atualizando a obra.

Em todas as edições aparece na capa o nome dos autores Hélène Bruller e Zep, que é o primeiro a ser mencionado, embora, na ficha técnica publicada no *website* da editora Glénat, ele figure como ilustrador e Bruller como roteirista. No *website* da editora Companhia das Letras ambos constam na aba “Sobre o autor”, com a mesma ordem de nomenclatura.

O livro é constituído por textos educativos e cartuns que tratam de um tema específico abordado em cada página. Nos cartuns de Zep, figura a turminha de Titeuf, personagem que dá nome à série de quadrinhos criada por ele. A primeira história de Titeuf foi publicada em 1993 pela editora Glénat e vendeu mais de 20 milhões de exemplares; posteriormente, a série foi lançada em mais de 25 países, entre eles Brasil, China e Coreia.

Mas o papel do renomado quadrinista não ficou limitado apenas aos cartuns, já que ele foi seu idealizador. Em entrevista à jornalista Julie Vasa, ele relembra:

Nos anos 90, compartilhei com meu editor a vontade de criar um guia com o Titeuf. Sobre o quê? Essa era a questão. [...] Aí pensei que poderia ser divertido fazer algo em torno do amor, da sexualidade, da puberdade — porque isso faz parte das preocupações das crianças e do

próprio Titeuf — e porque esse tipo de guia divertido, voltado para crianças, simplesmente não existia.⁵ (L’APOSTROPHÉE, sd)

A parceria com Hélène Bruller⁶ se deu um pouco depois do início do projeto. Sua atuação como roteirista delineou como o conteúdo viria a ser construído:

A gente começou a trabalhar no projeto do guia em 1999 com um amigo, mas ele acabou sendo contratado como redator-chefe de uma revista parisiense. Então continuei sozinho até conhecer Hélène Bruller, que na época fazia as novelizações do Titeuf. Propus a ela que trabalhássemos juntos nesse guia, partindo das perguntas feitas pelas crianças. Hélène encontrou uma enfermeira que dava aulas de educação sexual no ensino fundamental. Ela pediu a essa enfermeira as perguntas mais comuns, mas também aquelas que ficam nas caixinhas, que as crianças não têm coragem de fazer em voz alta... No começo, a gente foi meio que “improvisando” esse guia.⁷ (L’APOSTROPHÉE, sd)

Após o sucesso de *Le guide...*, Bruller publicou diversas histórias em quadrinhos humorísticas voltadas para o público infantojuvenil (GLÉNAT, sd).

“Tite o quê? É para crianças?”

Em ambas as edições francesas, Titeuf é onipresente, aparecendo em quase todos os cartuns. O personagem, um menino de dez anos de idade, cujas histórias mostram sua visão das atitudes dos adultos, seus comportamentos e instituições, em *Le guide...* desvela uma visão de mundo inocente na tentativa de ser malicioso e “descolado” em relação aos assuntos que se

⁵ “Et puis dans les années 90’, j’ai confié à mon éditeur mon envie de réaliser un guide avec Titeuf. Sur quoi ? C’était la question. (...) Et puis j’ai pensé que ça pourrait être marrant de faire quelque chose autour de l’amour, de la sexualité, de la puberté puisque ça fait partie des préoccupations des enfants et de Titeuf et que ce type de guide pour les enfants, amusant, n’existait pas.”

⁶ Hélène Bruller formou-se na École nationale supérieure des arts décoratifs de Paris e iniciou sua carreira como ilustradora e designer gráfica de obras voltadas para o público infantojuvenil.

⁷ “On a quand même commencé à travailler sur le projet de guide en 1999 avec un ami mais qui a ensuite été engagé comme rédacteur en chef d’un magazine parisien. J’ai donc poursuivi seul jusqu’à ce que je rencontre Hélène Bruller qui faisait alors les novelisations de Titeuf. Je lui ai proposé de travailler avec moi sur ce guide en partant des questions des enfants. Hélène a rencontré une infirmière qui faisait les cours d’éducation sexuelle chez les primaires. Elle lui a demandé les questions les plus courantes mais aussi celles qui restent dans les boîtes, que les enfants n’osent pas poser... Au départ, on a donc « bricolé » ce guide.”

referem à sexualidade humana.

Vale lembrar que a história em quadrinhos *Titeuf* tornou-se um fenômeno na França, de modo que o personagem é muito familiar para crianças e adolescentes franceses e, por essa razão, mostrou-se uma escolha inteligente para atuar como interlocutor junto a esse público em *Le guide...*, embora o livro seja uma obra *hors-série*.

Para o público brasileiro, Titeuf certamente não tem todo esse apelo, pois quando *Aparelho sexual e cia* foi publicado no Brasil, o personagem não era nada conhecido por aqui, já que os primeiros álbuns da série seriam lançados em terras brasileiras apenas em 2012, cinco anos após *Aparelho sexual e cia* ter sido publicado. Como os álbuns ainda não haviam sido traduzidos no Brasil, Titeuf virou Tito em *Aparelho sexual e cia*, assim como outros personagens tiveram seus nomes alterados na tradução. Essa tendência não foi adotada posteriormente na tradução dos álbuns.

Apesar de o personagem não figurar no imaginário das crianças e jovens brasileiros, é provável que se tenha buscado uma identificação com o público leitor através de uma linguagem mais próxima ao informal, dos cartuns e do humor. Essas estratégias atenuam, junto ao público infantojuvenil, a seriedade dos temas tratados.

Entretanto, que uma obra voltada ao público infantojuvenil seja potencialmente atrativa para esses leitores não necessariamente garante sua aceitação em um mercado editorial, pois quem adquire esse tipo de obra, que pode ser classificada como paradidática⁸, não costuma ser o público leitor, mas seu mediador.

O mercado do livro precisa ser adequado ao consumo, devido a isto são elaboradas produções de acordo com o que o autor ou a editora imaginam agradar aos mediadores da leitura que têm a faixa etária como pressuposto para a leitura dos livros (...). (SILVA *et al*, 2006, p. 71)

Nesse sentido, vemos uma diferença significativa da edição em francês para a edição em português do Brasil: a questão da faixa etária. No *website* da editora Glénat, encontramos algumas menções ao público-alvo da nova edição:

⁸ Conforme Furlani (2005, p. 19), livros paradidáticos são aqueles que apresentam conteúdos tangenciais aos abordados nas disciplinas curriculares, como educação sexual, meio ambiente, prevenção ao uso de drogas etc.

Do primeiro despertar à puberdade, passando pela concepção de bebês, *Le guide du zizi sexuel* responde às perguntas que **crianças** a partir de 9 anos têm sobre o amor e a sexualidade. [...] Destinado aos **pré-adolescentes**, este livro também serve como uma ponte entre as dúvidas das crianças e as explicações que os pais procuram.⁹ (GLÉNAT, 2020) [grifos meus]

São mencionados os termos “crianças” e “pré-adolescentes”, ambos os públicos contemplados na classificação etária das edições francesas, que é de 9 a 13 anos. Além disso, quando relaciona os profissionais que validaram o conteúdo da nova edição francesa, a editora menciona: “Esses profissionais de campo trabalham todos os dias com essas questões junto ao público visado por *Le guide du zizi sexuel*”¹⁰ (GLÉNAT, 2020). Esse paratexto tem dupla função: delimitar o público leitor da obra e dialogar com seu público mediador, garantindo que o conteúdo possui rigor científico e autoridade sobre os temas tratados.

Já a Companhia das Letras, editora responsável pela edição brasileira, estabelece a classificação etária de 11 a 15 anos. Em seu *website*, o diálogo inicia muito mais focado nos mediadores, mas colocando-os também na posição de potenciais leitores:

Qual o jovem que quer falar sobre sexo e amor? Apesar de “complicado”, muitos aspectos que esses temas envolvem precisam ser esclarecidos. Com o humor do celebrado personagem de quadrinhos francês Titeuf (na versão brasileira, Tito) e o rigor científico necessário, este guia é uma alternativa original para **pais e professores** em apuros. [...] Com mais de um milhão e meio de exemplares vendidos, e publicado em quinze línguas diferentes, este guia é **para todos aqueles que procuram uma maneira nova e mais atraente de informar os jovens** sobre assuntos da maior importância. (CIA DAS LETRAS, 2024) [grifos meus]

Essas estratégias de diálogo adotadas pelas editoras constituem o que André Lefevere chama de “mecenato”. Segundo o autor, o conceito deve “ser entendido como algo próximo dos poderes (pessoas, instituições)

⁹ « Des premiers émois à la puberté en passant par la conception des bébés, Le Guide du zizi sexuel répond aux questions que se posent les enfants dès 9 ans sur l'amour et la sexualité. [...] Destiné aux préados, cet ouvrage est aussi une passerelle entre les interrogations des enfants et les explications que cherchent les parents ».

¹⁰ « Ces professionnels de terrain travaillent tous les jours sur ces questions auprès du public concerné par le Guide du zizi sexuel. »

que podem fomentar ou impedir a leitura, escritura e reescritura de literatura”¹¹ (LEFEVERE, 2007, p. 34). Ao mecenato, interessa muito mais a dimensão ideológica que envolve uma obra do que os aspectos ligados à sua poética, uma vez que seu objetivo é exercer controle sobre a relação que se dá entre o sistema literário e os demais sistemas que compõem a sociedade. Quando não conseguem regular a escritura em si, esses poderes atuam no controle sobre a distribuição das obras e, é possível inferir, sua classificação e *status*.

Entre polêmicas e *fake news*

Le guide... foi traduzido para dez línguas e vendeu mais de 1,5 milhão de exemplares pelo mundo. O número indica que a obra não passou despercebida e, especialmente no Brasil, sua presença foi bastante notabilizada. Ainda que não se saiba em números como foi sua performance¹², é possível inferir que a polêmica na qual o livro viu-se envolvido nas eleições presidenciais de 2018 tenha aumentado o interesse pela obra, que foi relançada após estar esgotada nas livrarias (VEIGA, 2021). Atualmente, encontra-se esgotada no *website* da editora Companhia das Letras, onde consta que há uma previsão de reimpressão para janeiro de 2025. A análise crítica de tradução não deve prescindir do entendimento de seu contexto. Assim, é importante situar *Le guide...* no complexo jogo político que marcou os anos que antecederam a vitória presidencial de Jair Bolsonaro, candidato da extrema-direita conservadora e detrator do livro.

Foi em 2011 que as *fake news* que envolveram o livro começaram a ser gestadas. Naquele ano, propôs-se uma iniciativa chamada Escola sem Homofobia, que seria integrada ao Programa Brasil sem Homofobia do Governo Federal.

Composto por vídeos e cartilhas, dentre outros materiais com abordagem da sexualidade homoafetiva, o kit seria distribuído para cerca de seis mil escolas públicas do Brasil, por meio do Programa Mais Educação. Com o objetivo de articular o combate à homofobia e à discriminação por orientação sexual nos espaços escolares, o projeto resultou de um

¹¹ Lefevere estabelece que se deve entender “poder” no sentido foucaultiano, como um elemento que atua na produção de conhecimento, discursos e mesmo prazeres (LEFEVERE, 2017, p. 34).

¹² Em consulta à Companhia das Letras em 17/10/2023 através de um de seus canais, a editora informou que não divulga esse tipo de dado.

convênio entre o Ministério da Educação - MEC, que utilizou recursos do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação - FNDE, com a organização não governamental “Comunicação em Sexualidade” – ECOS. (RODRIGUES; SILVA, 2020, p. 7)

Esse material foi apelidado pejorativamente de “*kit gay*” pelos congressistas conservadores e neoconservadores, que exerceram forte pressão para que fosse vetado, o que de fato ocorreu em 2011. Conforme Rodrigues e Silva, “notadamente, o governo cedeu aos grupos conservadores em nome de uma governabilidade política, considerando que naquele momento o avanço dos grupos políticos e econômicos que ameaçam hoje a democracia já estavam em incubação” (2020, p. 6).

Ainda em 2011, o Ministério da Cultura adquiriu 28 exemplares do livro para que fossem destinados a bibliotecas públicas dentro do programa Livro Aberto, que não tinha relação com bibliotecas escolares (G1, 2016). Boatos de que o livro teria sido adquirido pelo Ministério da Educação para ser distribuído em escolas já haviam sido desmentidos pelo Governo Federal nesse mesmo ano. Em 2016, o Ministério da Educação teve novamente que publicar nota sobre o assunto, reafirmando que não produziu, adquiriu ou distribuiu o livro (MINISTÉRIO DOS DIREITOS HUMANOS E DA CIDADANIA, 2016).

Em 2018, durante a campanha para as eleições presidenciais, o então candidato Jair Bolsonaro mostrou o livro em horário nobre em rede nacional e afirmou que, dentro do pacote do “*kit gay*”, a obra teria sido distribuída em escolas públicas. Desde 2011, Bolsonaro vinha fazendo afirmações como essa, mas o alcance de suas declarações no contexto da campanha presidencial contribuiu para que mais olhares se voltassem para o livro.

A atitude dos conservadores em relação à publicação gerou um certo “pânico moral”, definido por Stuart Hall como uma reação oficial a uma pessoa, grupos de pessoas ou séries de eventos fora de qualquer proporção no que se refere a uma ameaça que supostamente se apresente (1978, p. 16). Esse tipo de pânico moral denota interesses políticos e da *mass media*, que se retroalimentam e cujos resultados podem ter consequências a longo prazo. De acordo com Garland,

os pânico morais parecem efêmeros, mas ao longo do tempo seu efeito cumulativo pode levar à criação de divisões sociais e à redistribuição de status sociais, bem como à criação de infraestruturas de regulação e controle que persistem muito após o término do curso do episódio inicial (2019, p. 49).

Essa não foi a primeira vez que Hélène Bruller e Zep tiveram que lidar com reações negativas ao livro e seu conteúdo. Em 2007 e 2015, uma exposição realizada na Cité des Sciences et de l'Industrie em Paris, intitulada “Le zizi sexuel” e inspirada no livro, recebeu, nas duas exposições, petições com milhares de assinaturas pedindo sua proibição. Em sua primeira exposição, a exposição recebeu mais de 334 mil visitantes e, posteriormente, viajou durante sete anos por países como Portugal, Bélgica e Suíça (PASSAMONIK, 2015).

Ambos os autores se pronunciaram em entrevistas sobre a polêmica envolvendo seu livro no Brasil:

Bruller ressaltou que “falar sobre sexualidade é apenas informar, confortar para mais tarde, para o dia em que essas crianças terão se tornado adultas e estarão prontas para viver sua sexualidade”. Zep lembrou que Bolsonaro “não foi o primeiro conservador” a se voltar contra a obra. “A princípio, sinto-me mais seguro por não ser amado por esse tipo de pessoa”, comentou ele. “Se ele elogiasse os méritos do meu livro, ficaria muito preocupado”. (VEIGA, 2021)

De acordo com Zep, o que difere *Le guide...* de outras obras da mesma natureza é uma dimensão um tanto particular do livro: a noção de sexo ligado ao prazer. Para ele, esse é o aspecto que mais incomoda os mais conservadores e que provoca reações de repúdio e tentativas de censura (VANDENBERGHE, 2020).

É uma ilustração? É uma charge? É um cartum?

Em pesquisas que se debruçam sobre a tradução de histórias em quadrinhos e congêneres, é uma tônica a discussão sobre as dificuldades inerentes a essa tarefa, em grande parte em função da peculiaridade do objeto, “que agrega os planos verbal e não-verbal, ou seja, na complexidade da combinação simultânea de elementos ou códigos linguísticos, imagético-pictóricos e tipográficos” (HÜBNER; WINK, 2019, p. 9). Entretanto, analisar a tradução de *Le guide...* exigiu um passo atrás: primeiramente, definir qual a natureza

das imagens presentes no livro para, então, proceder uma análise adequada.

Ao delinear determinadas premissas sobre a obra, a saber, que se trata de um livro ilustrado, que não se configura como um álbum de quadrinhos, que seu conteúdo massivo é textual e que, nos paratextos, haja expressamente o termo “ilustrador” ao mencionar Zep, ficou clara a necessidade de se estabelecer distinções e semelhanças entre ilustração, história em quadrinho, charge e cartum. De acordo com Assis,

por mais que existam pontos coincidentes, considera-se despropositadas as equiparações entre quadrinhos e ilustração [...]. Ilustração é um termo utilizado para imagens tabulares nas quais não se pretende o sentido narrativo ou para designar paratextos imagéticos que acompanham um texto predominantemente linguístico. A história em quadrinhos é uma mídia narrativa, na qual o pictórico não é paratextual, mas sim elemento textual. (2018, p. 67)

Assim como os signos pictóricos das “histórias em quadrinhos, charges e cartuns, as ilustrações podem variar em termos de sua própria função: esclarecer, exemplificar, decorar ou, ainda, alterar, expandir, contradizer, ridicularizar ou refutar o texto” (BEHRENDT, 1997, p. 28 apud PEREIRA, 2008, p. 50). No entanto, elas, em si, não são narrativas.

Já a charge e o cartum se aproximam em função dos elementos constitutivos comuns entre eles — que são também pontos de contato com as tirinhas e histórias em quadrinhos: balões de fala, a presença ou ausência de requadro, onomatopeias, entre outros elementos que compõem a “gramática” da arte sequencial postulada por Will Eisner (2010). No entanto, algumas especificidades podem ser delineadas. Embora o cartum seja um “desdobramento da arte da representação do humor caricato” (ARBATH, 2007, p. 212), seu objetivo é fazer rir. Segundo Simões, o cartum se definiria pela “exposição imagética de experiências atemporais vividas e compartilhadas por uma sociedade e por uma cultura particular com vistas à memorização e à documentação de ações humanas singulares, reais — ainda que satirizadas” (2010, p. 71). Desse modo, vemos que o cartum é marcado pela atemporalidade, o que o diferencia da charge. Diversos pesquisadores (MOUCO, 2007; LIMA, 2016; SIMÕES, 2010, entre outros) enfatizam a relação da charge com um fato ou acontecimento específico, por isso seu caráter temporal. A charge é caracterizada por uma perspectiva geralmente política, tendo como meio inicial de difusão jornais e revistas. De

acordo com Agostinho, a charge “não pretende apenas distrair, mas, ao contrário, alertar, denunciar, coibir e levar à reflexão” (1993, p. 229). Essa função social da charge também é apontada por Flôres:

Sua temática, em geral, versa sobre o cotidiano — questões sociais que afligem, irritam, desgostam, confundem. Essas questões focalizam os universos de referência do público, expondo testemunhos, registrando perplexidades, apontando falhas, satirizando pontos de vista, desvelando motivações ocultas, introduzindo questionamentos. Por natureza é polêmica. (2011, p. 11)

Tendo essas delimitações em conta, entende-se que, embora o conteúdo massivo de *Le guide...* seja textual, as imagens contidas no livro, por conjugarem dois signos linguísticos e por, mesmo quando o texto é ausente, terem um sentido narrativo, são aqui entendidas como cartuns e sua análise e tradução podem ser muito mais ricas se tratadas a partir dessa consideração. Como afirma Barbieri, “a imagem dos quadrinhos conta” (1991/2017, p. 27), e é essa dimensão diegética que as diferencia das ilustrações, por exemplo.

Scott McCloud, quadrinista e notável teórico da “nona arte”, ao conceptualizar as histórias em quadrinhos inicialmente considerando a separação entre palavras e imagens, estabeleceu sete combinações entre esses dois signos linguísticos que ajudam a definir quais fenômenos ocorrem em uma determinada obra quadrinística. Se levadas em conta, essas combinações podem ser úteis ao se tentar encontrar estratégias mais assertivas para análise e tradução, conforme demonstra Silveira na síntese que apresenta:

- Específicas de palavras (*word specific*): quando as figuras ilustram, mas não acrescentam quase nada a um texto, assumindo um segundo plano;
- Específicas de imagem (*picture specific*): ao contrário da situação anterior, em que as palavras assumem o segundo plano, servindo como trilha sonora a uma sequência visualmente falada;
- Duo-específicas (*duo-specific*): quando palavras e imagens transmitem a mesma mensagem;

- Aditivas (*additive*): quando as palavras amplificam ou elaboram uma imagem, ou vice-versa. Porém, em *Desenhando... [os quadrinhos]*, McCloud renomeia esta categoria para Interseccionais (*intersecting*), já que palavras e imagens trabalham em uníssono para produzir significado;
- Paralelas (*parallel combination*): quando as palavras e imagens seguem rumos distintos;
- Montagens (*montage*): quando as palavras fazem parte da figura, isto é, a inserção das palavras no ambiente pictórico;
- Interdependentes (*interdependent*): quando palavras e imagens dependem mutuamente umas das outras para transmitir uma mensagem. (2018, p. 39-40)

Nos cartuns de *Le guide...*, a combinação que mais ocorre é a aditiva e a de interdependência, enfatizando a relação entre os signos linguísticos e exigindo um esforço no sentido de manter ambos numa mesma hierarquia.

Para alguns pesquisadores, cartuns, charges, histórias em quadrinhos e congêneres, quando traduzidos, configuram a chamada “tradução subordinada”, conceito postulado por Titford (1982) e ampliado para as HQs por Mayoral, Kelly e Gallardo (1986): “Por subordinada se entende aquela tradução na qual o texto se encontra acompanhado e, em maior ou menor medida, submetido a códigos extralinguísticos (visuais, sonoros e tipográficos essencialmente) que restringem e guiam a margem de atuação do tradutor”¹³ (VALERO GARCÉS, 2017, p. 77). No entanto, é importante considerar o caráter multimodal desses gêneros, em que diferentes veículos semióticos são usados na transmissão de significados, permitindo discursos simultâneos (KAINDL, 2004, p. 173-174), sem que haja a prevalência de um sobre o outro, como o termo “subordinada” pode sugerir. Ambas as perspectivas, no entanto, sugerem um tratamento que contemple todas essas camadas no ato translacional.

Análise crítica da tradução

¹³ “Por subordinada se entiende aquella traducción en la que el texto se encuentra acompañado y, en mayor o menor medida, sometido a códigos extralingüísticos (visuales, sonoros y tipográficos fundamentalmente) que restringen y encauzan el margen de actuación del traductor.”

Ao se tentar delinear uma definição de crítica de tradução, depara-se com um conceito ainda em construção. Embora ele seja fugidio e muitas vezes objeto de dissenso entre pesquisadores, alguns dos elementos que costumam aparecer em uma zona interseccional são a interpretação, o repertório do tradutor e seu conhecimento de mundo. Segundo Benedetti, “o tradutor faz muito mais análises críticas do que imagina, porque na maioria das vezes não se dá conta de que as fez. É nesses momentos que ele põe em ação o seu cabedal de conhecimentos” (2005, p. 70).

Como já mencionado, a presente análise crítica se refere a um recorte de *Le guide...*, ou seja, paratextos referentes às suas duas edições francesas e à sua tradução brasileira, além do capítulo 2 do livro, em especial os cartuns nele presentes. A análise das escolhas tradutórias referentes aos cartuns se baseia fortemente na ideia de Benedetti, de que “a crítica da tradução consistiria no esforço de detectar os pressupostos de que o tradutor partiu para traduzir X por Y, e não por Z” (2005, p. 71). Nesse processo, a autora identifica duas etapas: aquela em que se busca detectar a crítica feita pelo tradutor da obra e, então, a que se configura pela crítica dessa crítica.

A estruturação desta análise baseia-se majoritariamente no modelo de Lambert (2011). O pesquisador afirma que, tradicionalmente, a crítica da tradução é concebida de modo binário e unilateral, como um confronto direto entre o texto de partida e o texto de chegada. Em contrapartida, o modelo proposto pelos estudos descritivos

compreende todos os aspectos funcionalmente relevantes de uma determinada atividade tradutória em seu contexto histórico, inclusive o processo da tradução, suas características textuais, sua recepção e até mesmo seus aspectos sociológicos como distribuição e crítica da tradução (LAMBERT, 2011, p. 213).

Com isso, Lambert destaca que o esquema que fundamenta a hipótese do polissistema e do qual decorre o modelo de crítica proposto permite ir de encontro a algumas ideias bastante enraizadas dentro dos Estudos da Tradução, entre elas aquela relativa à “qualidade” da tradução. Por outro lado, reconhece os limites dos estudos descritivos da tradução, nos quais, “em muitos casos, as análises ainda mostram ser inspiradas em uma concepção idealista básica de como a tradução deve ser” (LAMBERT, 2011, p. 212). Nesse sentido, aqui neste estudo, especialmente na análise

das escolhas tradutórias, delineia-se um esforço no sentido de se afastar dessa concepção idealista de como a tradução *deve* ser para, então, entender como se apresenta e ir na direção de como a tradução *pode* ser.

Conforme delineado anteriormente, a capa da primeira edição de *Le guide...* pode facilmente sugerir que o livro seria destinado apenas a leitores do sexo masculino. Porém, há diversos capítulos que são de interesse de leitoras do sexo feminino também, dialogando diretamente com elas. Essa constatação imediatamente impõe uma dificuldade em relação à tradução do título para o português do Brasil. Ainda que se possa apenas inferir sobre quais questões levaram o tradutor e a equipe editorial da edição brasileira a optarem por um título bastante diferente do texto de partida, a escolha adotada mostra-se funcional no sentido de demonstrar que o livro visa, na verdade, ambos os públicos (feminino e masculino), atenuando o discurso visual da ilustração e capa, que vai no sentido contrário.

O título do texto de partida traz o termo *zizi* que, em francês, refere-se ao órgão sexual masculino de forma infantilizada. Esse termo aparece algumas vezes também no interior do livro. No título da edição brasileira, prevaleceu uma escolha mais técnica e generalista para o termo (“aparelho sexual”). Para outras ocorrências, seria possível pensar em outras possibilidades, entre elas “pintinho”, termo utilizado por crianças, mas possivelmente não por pré-adolescentes e adolescentes. Aliás, esse é um grande desafio que se apresenta na tradução do livro como um todo: sendo a classificação etária do livro no Brasil a de 11 a 15 anos, é preciso tender para um público dentro dessa faixa, já que existe uma diferença significativa no que se refere ao grau de desenvolvimento físico e comportamental de um indivíduo de 11 e outro de 15 anos de idade. O diálogo com esses sujeitos não poderia ser homogêneo.

Além dessa complexidade, há ainda a atenção ao público mediador, que em alguns paratextos aparece também como público leitor. Nesse sentido, escolhas que dialoguem de forma mais efetiva com o público infantojuvenil, que melhor representem sua linguagem, talvez não sejam as que mais agradem os adultos.

A expressão “e cia”, presente na tradução do título da edição brasileira, expressa de maneira concisa que o livro é muito mais do que apenas uma cartilha explicativa do órgão sexual, abrangendo diversos aspectos físicos e comportamentais característicos da puberdade.

Novamente, o título da tradução brasileira ajuda a esclarecer a que se propõe a obra, mais do que o título do texto de partida.

Os sumários da primeira edição francesa e da edição brasileira possuem entradas correspondentes, sem alterações estruturais. Já o sumário da nova edição francesa apresenta dois tópicos a mais, resultado da atualização feita na obra, conforme é possível verificar no *website* da editora Glénat:

O que há de diferente da antiga edição?

O texto da antiga edição foi totalmente retrabalhado, atualizado e ampliado, e novas ilustrações de páginas anatômicas e científicas foram adicionadas ao guia!

Dois novos capítulos surgiram:

- **O amor-próprio** aborda a questão da autoestima, do olhar dos outros, dos complexos, da discriminação, explica o gênero e a identidade de gênero, a norma, a transidentidade e fala das pessoas LGBTQI+.
- **Concordar** aborda assuntos como o consentimento, o bullying e o assédio sexual, as redes sociais, o cyberbullying e a pornografia.¹⁴

Figura 2: Sumário das edições francesas e da edição brasileira

¹⁴ « Qu'y a t'il de différent avec l'ancienne édition ?

Le texte de l'ancienne édition a été totalement retravaillé, mis à jour et augmenté, et de nouvelles illustrations de pages anatomiques et scientifiques rejoignent le guide !

Deux nouveaux chapitres font leur apparition :

L'amour de soi aborde les question de l'estime de soi, du regard des autres, des complexes, de la discrimination, explique le genre et l'identité de genre, la norme, la transidentité, et parle des personnes LGBTQI+. Être d'accord aborde les sujets comme le consentement, le harcèlement et le harcèlement sexuel, les réseaux sociaux, le cyberharcèlement et la pornographie. »

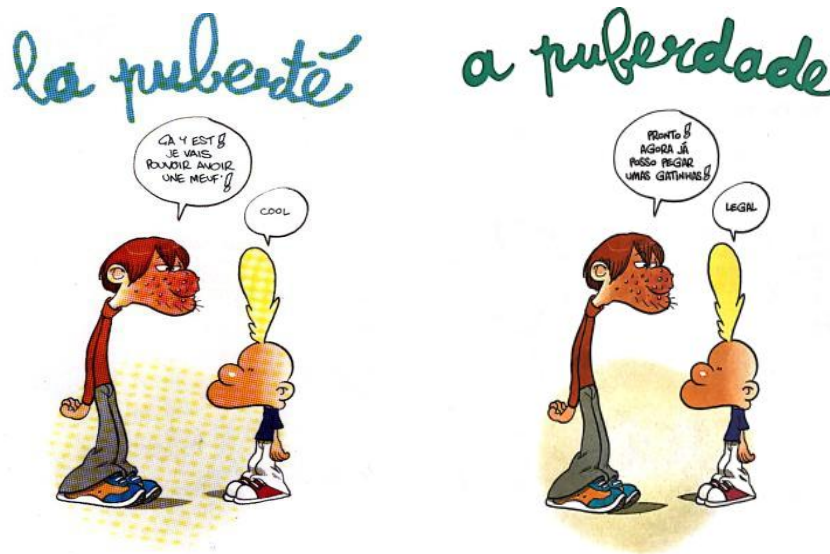
sommaire		sommaire	
1) Être amoureux.....	5	1) Être amoureux.....	5
Être amoureux, c'est quoi ?.....	6	Être amoureux, c'est quoi ?.....	6
Sortir avec quelqu'un.....	10	Sortir avec quelqu'un.....	9
Comment on embrasse ?.....	12	Comment on embrasse ?.....	11
2) La puberté.....	15	2) La puberté.....	17
la puberté, c'est quoi ?.....	16	la puberté, c'est quoi ?.....	18
la puberté des garçons.....	20	la puberté des filles.....	23
la puberté des filles.....	24	la puberté des garçons.....	30
3) Faire l'amour.....	31	3) Faire l'amour.....	33
Faire l'amour, c'est quoi ?.....	32	Faire l'amour, c'est quoi ?.....	34
Comment on fait l'amour ?.....	36	Comment on fait l'amour ?.....	38
4) Faire un bébé.....	45	4) Faire un bébé.....	47
Faire un bébé, c'est quoi ?.....	46	Faire un bébé, c'est quoi ?.....	48
Dans le ventre de la maman.....	48	Le bébé dans l'utérus.....	50
la naissance.....	56	la naissance.....	58
5) Se protéger.....	63	5) Se protéger.....	65
la contraception, c'est quoi ?.....	64	Se protéger de quoi ?.....	66
L'hygiène, c'est quoi ?.....	66	L'hygiène, c'est quoi ?.....	69
6) Fais gaffe !.....	71	6) L'amour de soi.....	75
Besoin d'aide.....	73	L'estime de soi.....	76
Zizi Bonus.....	75	Être soi.....	80
Index.....	85	7) Être d'accord.....	83
		Le consentement, c'est quoi ?.....	84
		8) Fais gaffe !.....	91
		Besoin d'aide.....	94
		Zizi Bonus.....	97
		Index.....	105

sumário	
1) Estar apaixonado.....	5
O que é estar apaixonado?.....	6
Namorar.....	10
Como é que se beijam?.....	12
2) A puberdade.....	15
O que é a puberdade?.....	16
A puberdade dos meninos.....	20
A puberdade das meninas.....	24
3) Transar.....	31
O que é transar?.....	32
Como é que se transa?.....	36
4) Fazer um filho.....	45
O que é fazer um filho?.....	46
No barriga da mãe.....	48
O nascimento.....	56
5) Se proteger.....	63
O que é contraceção?.....	64
O que é higiene?.....	66
6) Fique esperto!.....	71
Precisando de ajuda.....	73
Brinde.....	75
Índice.....	85

O capítulo 2, cuja tradução é também objeto desta análise, é intitulado “A puberdade”. Cada capítulo começa com um cartum, e neste, vemos Titeuf conversando com um garoto com o rosto cheio de espinhas. Assim se desenrola o curto diálogo no texto de partida e, na sequência, na tradução brasileira:

Figura 3: Cartum presente na abertura do capítulo 2, respectivamente 1ª edição francesa

(BRULLER; ZEP, 2001, p. 15) e edição brasileira (BRULLER; ZEP, 2007, p. 15)



Em apenas dois balões de fala já é possível perceber um traço que será uma tônica do livro: o de que os personagens na puberdade não têm muita ideia do que está acontecendo com eles.

Na tradução da edição brasileira, ao se traduzir *meuf*, palavra que é *verlan*¹⁵ de *femme*, optou-se pela gíria “gatinhas”. De fato, o termo pode se referir a garotas jovens, mas por estar no singular no texto em francês, “uma namorada” seria outra tradução possível. No entanto, provavelmente o tradutor quis privilegiar a permanência da gíria, o que vem ao encontro da linguagem informal que geralmente figura em quadrinhos e congêneres.

Na página que aborda de forma mais geral as transformações que começam a ocorrer na puberdade, e em especial por que essa é uma idade conhecida como “idade ingrata”, Titeuf está conversando com Manu, seu melhor amigo. No diálogo, eles falam sobre os pelos que aparecem nas partes íntimas:

¹⁵ Inversão fonética das sílabas ou dos sons de uma palavra, restaurando gráfica e foneticamente as letras “e” eliminadas.

Figura 4: Cartum presente no capítulo 2, respectivamente 1ª edição francesa (BRULLER; ZEP, 2001, p. 17) e edição brasileira (BRULLER; ZEP, 2007, p. 17).



Na tradução da edição brasileira, uma escolha lexical que chamou a atenção no primeiro balão de fala, que corresponde à fala de Titeuf, foi “cabelinho”, uma maneira um tanto suave, e talvez pouco usual, para se referir aos pelos pubianos. O problema de tradução imposto pela palavra *poil* não se refere a alguma dificuldade semântica, mas ao registro de língua. Ocorrem duas possibilidades, que vão em sentidos opostos no tocante a uma tentativa de se aproximar do público infantojuvenil e sua linguagem despojada; às vezes, vulgar. A primeira alternativa, *pelo*, é bastante genérica, mas se afasta um pouco da linguagem oral. A segunda, *pentelho*, está muito mais próxima da língua em uso, mas poderia incomodar o público mediador. Novamente surge a inquietante tensão entre servir ao leitor ou ao mediador. Nesse contexto, em que a decisão de compra do livro está muito mais nas mãos dos mediadores (pais, professores, instituições etc.), a escolha do tradutor e da editora parece apontar para essa direção.

O segundo balão, que corresponde à fala de Manu, traz a ideia de que a puberdade é uma fase em que as pessoas costumam ter atitudes e comportamentos incompatíveis com sua condição em termos de autonomia,

autoridade, responsabilidades etc. Isso se perde na tradução da edição brasileira, embora preserve o ar de ingenuidade, incerteza e desconhecimento dos personagens sobre o que provoca o nascimento dos pelos pubianos. Uma tradução possível seria “tem que fazer mais bobagens pra crescer”, mas esse pequeno alongamento poderia ser um desafio pelo espaço limitado dentro do balão. Sabe-se que, na tradução de quadrinhos, “o tradutor linguístico pode encontrar situações em que o número de palavras ou mesmo de caracteres deveria ser idêntico entre HQ de partida e de chegada” (ASSIS, 2018, p. 212).

A página seguinte se dedica a falar sobre as alterações na pele que ocorrem na puberdade. No cartum, além dos mesmos personagens da página anterior, vemos a irmã de Vomito — Vavá na edição brasileira — com o rosto repleto de espinhas, sendo observada pelos meninos:

Figura 5: Cartum presente no capítulo 2, respectivamente 1ª edição francesa (BRULLER; ZEP, 2001, p. 18) e edição brasileira (BRULLER; ZEP, 2007, p. 18)





No diálogo, Titeuf usa a palavra *nichons* para se referir às protuberâncias no rosto da garota. O termo popular significa “seios”, e seu emprego pelo personagem demonstra que ele nada entende sobre a anatomia e o universo feminino.

Na tradução da edição brasileira, não houve referência direta a seios. Talvez fosse possível manter a ideia de “seios” valendo-se de uma tradução bem mais coloquial, como por exemplo: “— As azeitonas da irmã do Vavá tão crescendo...”. O termo “azeitonas” é utilizado em linguagem popular para fazer referência a seios pequenos e poderia funcionar nesse contexto. O cartum que provavelmente mais impôs dificuldades ao tradutor é o que acompanha o texto que aborda a questão da menstruação. Nele, temos Titeuf, com um olhar desdenhoso e um esquadro em uma das mãos, e Manu encarando uma garota que passa por eles:

Figura 6: Cartum presente no capítulo 2, respectivamente 1ª edição francesa (BRULLER; ZEP, 2001, p. 23) e edição brasileira (BRULLER; ZEP, 2007, p. 23)



O jogo de palavras e sua subordinação à imagem acontece em francês porque *règles*, no plural, é “menstruação”, e *règle*, no singular, é “régua”. Em sua forma plural, a palavra é polissêmica. Assim, os personagens querem dizer que, se a garota possui *règle* (régua), uma clara confusão com *règles* (menstruação), eles não ficam atrás, já que têm *une équerre* (esquadro).

Équerre e *règle(s)* estão dentro do mesmo campo semântico em francês, e essa língua ainda permite o jogo de palavras entre *règle* e *règles*. Em português, nada disso é possível de uma forma tão tangível quanto é em francês. Porém, uma clara tentativa de se aproximar de uma solução foi a associação com o termo “regras”, que aparece fora do cartum — uma adição claramente realizada para proporcionar a ligação com o cartum:

Os meninos menstruam?

Não, só as meninas, porque a menstruação (ou regras) vem do útero, e os meninos não têm útero. (BRULLER; ZEP, 2001, p. 23)

O termo “regras” é uma maneira mais antiquada para se referir à menstruação. Ainda que não soe muito atual, parece ser o caminho que permitiria preservar tanto o humor quanto a correspondência com a imagem, desde que a ligação entre ele fosse reforçada no texto do cartum. Isso poderia ser feito dessa maneira:

- Grande coisa que ela tem “réguas”! Eu tenho um esquadro!
- Falou e disse!

Na fala de Titeuf, a adição na primeira frase e o uso das aspas em “réguas” denotaria que o personagem confundiu “regras” com “réguas”, expressão de seu desconhecimento em relação a elementos característicos do universo feminino. Dessa forma, ficaria fácil para o leitor brasileiro decodificar a piada, o que não foi facilitado na tradução oficial.

Esse último caso analisado exemplifica bem os desafios enfrentados por aqueles que realizam traduções multimodais. De acordo com Kaindl,

os elementos não verbais em textos multimodais não apenas desempenham a função de ilustrar a parte linguística do texto, mas também desempenham um papel integral na constituição do significado, seja por meio da interação com os elementos linguísticos ou como um sistema semiótico independente. (2004, p. 176)¹⁶

O que torna a tradução de quadrinhos e congêneres algo particular é justamente a interrelação entre signos linguísticos e não linguísticos na construção de significados. Quando se tem a presença de humor, como é o caso de *Le guide...*, essas relações tornam ainda mais flagrante o fato de que, como afirma Kaindl (2004), o efeito cômico é resultante do contexto narrativo geral.

¹⁶ “Non-verbal elements in multimodal texts not only perform the function of illustrating the linguistic part of the text, but also play an integral role in the constitution of the meaning, whether through interaction with the linguistic elements or as an independent semiotic system.”

Considerações finais

Fazer uma análise crítica de tradução, especialmente quando se trata de um objeto tão particular quanto *Le guide du zizi sexuel*, é uma tarefa que requer uma certa dose de equilíbrio. Um livro paradigmático sobre educação sexual, marcado por polêmicas que parecem continuar reverberando na sociedade, e cuja natureza multimodal exige um esforço tradutório em sua dimensão poética, mas sem desconsiderar aspectos ideológicos: eis as múltiplas camadas que se sobrepõem nessa obra e as quais buscou-se considerar nesta análise.

Mais do que recair em juízos de valor, as reflexões aqui presentes foram feitas tendo como norte a “crítica da crítica” à que se refere Benedetti (2005, p. 71), tentando compreender as escolhas tradutórias adotadas na edição brasileira e, ao mesmo tempo, propondo outras linhas de raciocínio que levassem em conta características formais, contextuais e conjunturais. Assim, para que isso fosse possível dentro desses parâmetros, foi adotado o modelo proposto por Lambert (2011), dentro do qual aspectos conjunturais não só têm importância como são fundamentais para se iniciar a análise. Desse modo, foi apresentado inicialmente um estudo sobre o projeto na França e no Brasil, a fim de demarcar as diferenças produzidas por cada contexto.

Uma reflexão que perpassou toda essa análise relaciona-se à dificuldade de se adequar uma tradução a diferentes públicos, seja por questões de classificação etária, seja porque a obra traduzida é mediada antes de chegar ao seu público leitor. Essa chancela faz com que a tradução tenha que ser pensada em uma perspectiva que promova, dentro do possível, um equilíbrio entre os tão distintos diálogos com o público leitor e com o público mediador. Nesse sentido, além da análise da tradução em si, os paratextos mostraram-se instrumentos valiosos para se chegar a uma compreensão mais ampla das relações intrincadas que permearam a publicação, em torno da qual gravitaram *fake news* e atos que visaram desabonar seu conteúdo.

No ato translacional, os tradutores se deparam com diferentes dificuldades inerentes à tradução de cada tipo de texto, por isso é fundamental entender qual a identidade do texto a ser examinado e analisá-lo de acordo com seu DNA. Nesse sentido, a partir de uma discussão teórica sobre as diferenças entre ilustração, charge e cartum, ficou entendido que

as imagens presentes em *Le guide...* são cartuns e que, portanto, a tradução deveria ser analisada considerando as características desse gênero.

As imagens dos cartuns geralmente não podem ser editadas para se adequarem ao texto traduzido, o que muitas vezes exige desapego e, talvez, resiliência por parte do tradutor, de um lado aceitando perdas e, do outro, desenvolvendo estratégias a fim de minimizá-las. Entretanto, a presença das imagens, tida como dificuldade, pode ser resignificada e converter-se em uma oportunidade para que o tradutor exerça seu potencial criativo, e ficou evidente que *Le guide...* ofereceu essa possibilidade em diversos momentos, que foram aproveitados em maior ou em menor grau pelo tradutor brasileiro, conforme foi demonstrado na última parte deste artigo.

Concordando com Kaindl, é necessário que os estudiosos da tradução contribuam com metodologias e abordagens que deem conta do fenômeno da multimodalidade, fazendo jus à natureza holística desses textos que se caracterizam pela complexidade semiótica. Nesse sentido, estudos que se dedicam a analisar criticamente esses textos também vêm para contribuir com esse processo, e foi precisamente o que se tencionou ao se produzir este artigo.

Referências

- AGOSTINHO, Aucione Torres. **A charge**. São Paulo, ECA/USP, 1993 (tese doutorado).
- ARBACH, Jorge Mtanios Iskandar. **O fato gráfico: o humor gráfico como gênero jornalístico**. São Paulo: USP, 2007. 249 p. Tese (Doutorado) - Escola de Comunicação e Artes da USP, São Paulo, 2007.
- APOSTROPHÉE. “Entretien avec Zep”. Disponível em: <https://lapostrophee.com/entretien-avec-zep-guide-du-zizi-sexuel/>. Acesso em 21 mai. 2025.
- ASSIS, Érico Gonçalves. **Aproximações entre letramento e tradução linguística na tradução de histórias em quadrinhos**. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Florianópolis, 2018, 323 p.
- Disponível em: <http://www.bu.ufsc.br/teses/PGET0378-T.pdf>. Acesso em 26 nov. 2024.

- BARBIERI, Danielle. **As linguagens dos quadrinhos**. Tradução de Thiago de Almeida Castor de Amaral. São Paulo: Peirópolis, 2017 [1991].
- BENEDETTI, Ivone C. A crítica de traduções. In: **Tradução em Revista**. Rio de Janeiro: PUC- Rio; p.69-75, 2005.
- Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/25341/25341.PDF>. Acesso em: 26 jul. 2024
- BRULLER, Hélène; ZEP. **Aparelho sexual e cia**. 1ª Edição. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. 96 p.
- BRULLER, Hélène; ZEP. **Le guide du zizi sexuel**. 1^{ère} édition. Grenoble: Glénat, 2001. 96 p.
- CHAVES, Adriana. **Folha Online**, 29 abr. 2010. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha/livrariadafolha/ult10082u727858.shtml>. Acesso em: 24 nov. 2024.
- Eduardo Brandão. COMPANHIA DAS LETRAS. Disponível em: <https://www.companhiadasletras.com.br/colaborador/00729/eduardo-brandao>. Acesso em: 26 nov. 2024.
- DELLA COLETTA, Ricardo. Bolsonaro mentiu ao falar de livro de educação sexual no 'Jornal Nacional'. *ElPaís*, 29ago.2018.
- Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/08/29/politica/1535564207_054097.html. Acesso em: 27 nov. 2024.
- EISNER, Will. **Quadrinhos e arte aequencial**. Tradução Alexandre Boide e Luis Carlos Borges. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.
- FLÔRES, Onici. **A leitura da charge**. Canoas, RS: Ed. ULBRA, 2002.
- FURLANI, Jimena. **O bicho vai pegar! Um olhar pós-estruturalista à Educação Sexual a partir de livros paradidáticos de educação infantil**. 2005. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Educação. Porto Alegre: PPG Edu/UFRGS
- G1. "Livro de educação sexual alvo de boato foi comprado pelo MinC". 22/01/2016.
- Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2016/01/livro-de-educacao-sexual-alvo-de-boato-foi-comprado-pelo-minc.html>. Acesso em: 26 nov. 2024.

GARLAND, David. Sobre o conceito de pânico moral. **Delictae**: Revista de Estudos Interdisciplinares sobre o Delito, [S.l.], v. 4, n. 6, p. 36-78, june 2019. ISSN 2526-5180.

Disponível em: <http://delictae.com.br/index.php/revista/article/view/90>. Acesso em 26 nov. 2024.

GENETTE, Gérard. **Paratextos editoriais**. Tradução Álvaro Faleiros. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2009.

GLÉNAT, Hélène Bruller.

Disponível em: <https://www.glenat.com/auteurs/helene-bruller>. Acesso em: 24 nov. 2024.

GLÉNAT. “Le guide du zizi sexuel revient dans une nouvelle édition”. 16 out. 2020. Disponível em: <https://www.glenat.com/actualites/le-guide-du-zizi-sexuel-revient-dans-une-nouvelle-edition>. Acesso em: 24 nov. 2024.

GLÉNAT. “Le guide du zizi sexuel”. Disponível em: <https://www.glenat.com/tcho/le-guide-du-zizi-sexuel-nouvelle-edition-9782344044322>. Acesso em: 13 nov. 2024.

GLÉNAT. Tchô.

Disponível em: <https://www.glenat.com/bd/collections/tcho>. Acesso em: 21 maio 2025.

GLÉNAT. Zep. Disponível em: <https://www.glenat.com/auteurs/zep>. Acesso em: 24 nov. 2024.

HALL, Stuart; CRITCHER, Chas; JEFFERSON, Tony; CLARKE, John; ROBERTS, Brian. **Policing the Crisis**. London: Macmillan, 1978.

HÜBNER, Lea; WINK, Georg Walter. A tradução de histórias em quadrinhos: teoria e prática pelo exemplo de dois romances gráficos brasileiros vertidos para o alemão. **Santa Barbara Portuguese Studies**. 2019; Vol. 3. pp. 1-38.

Disponível em:

https://sbps.spanport.ucsb.edu/sites/default/files/sitefiles/02_Lea_Georg.pdf. Acesso em 18 nov. 2024.

KAINDL, Klaus. Multimodality in the translation of humour in comics. In: VENTOLA, Eija; CASSILY, Charles; KALTENBACHER, Martin. (Eds.). **Perspectives on Multimodality**. Amsterdam &. Philadelphia: John Benjamins, 2004, p. 173-192.

LAMBERT, José. “A Tradução” e “Sobre a descrição de traduções”. Trad. Marie-Hélène Catherine Torres e Lincoln Fernandes. In: GUERINI,

Andréia; TORRES, Marie-Hélène Catherine; COSTA, Walter. (orgs.) **Literatura & Tradução**. Textos selecionados de José Lambert. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2011. p. 183-212.

LEFEVERE, André. **Tradução, reescrita e manipulação da fama literária**. Trad. Claudia Matos Seligmann. Bauru, SP: Edusc, 2007.

LIMA, Maria Francisca Morais de. **O humor como estratégia de compreensão e produção de charges: um estudo inferencial das charges de Myrria**. 167 f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/14378/1/Maria%20Francisca%20Morais%20de%20Lima.pdf>. Acesso em 21 nov. 2024.

MAYORAL, Roberto, KELLY, Dotorhy & GALLARDO, Natividad. Concepto de traducción subordinada (cómic, cine, canción, publicidad). Perspectivas no lingüísticas de la traducción. In: FERNÁNDEZ, F. (Ed.), **Pasado, presente y futuro de la lingüística aplicada en España. Actas del III Congreso Nacional de Lingüística Aplicada** (pp. 95-105). Valencia: Universitat de València, 1986.

MINISTÉRIO DOS DIREITOS HUMANOS E DA CIDADANIA. “A verdade sobre o livro de educação sexual citado em vídeo na internet”. 14/01/2016. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/sdh/noticias/2016/janeiro/a-verdade-sobre-o-livro-de-educacao-sexual-citado-em-video-na-internet>. Acesso em: 26 nov. 2024.

MOUCO, Maria Aparecida Tavares. Leitura, análise e interpretação de charges com fundamentos na teoria semiótica. In: *O professor PDE e os desafios da escola pública paranaense*. Paraná, PDE, 2007. Disponível em: <https://acervodigital.educacao.pr.gov.br/pages/download.php?direct=1&noattach=true&ref=21965&ext=pdf&k=>. Acesso em: 26 nov. 2024.

PASSAMONIK, Didier. 22/10/2014. Le Zizi sexuel contre les obsédés du culte. *Actua BD*. Disponível em: <https://www.actuabd.com/Le-Zizi-sexuel-contre-les-obsedes>. Acesso em: 26 nov. 2024.

PEREIRA, Nilce Maria. **Traduzindo com imagens: a imagem como reescritura, a ilustração como tradução**. 2008. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. doi:10.11606/T.8.2008.tde-03092009-172824. Acesso em: 26 nov. 2024.

RODRIGUES, José Rodrigues Barbosa; SILVA, João Marcos Martins da. Democracia e diferença em tramas político-curriculares contemporâneas: o Escola Sem Homofobia em análise. **Educar em Revista**, v. 36, p. e75686, 2020.

SILVA, Elaine Aparecida Rodrigues da; et al. A Questão da Faixa Etária na Literatura Infantil. **Sciencult**: Paranaíba, v.1, n.1, 2006, p. 71. Disponível em: <http://periodicos.uems.br/novo/index.php/anaispba/article/viewFile/132/70>. Acesso em: 20 nov. 2024.

SILVEIRA, Francisca Ysabelle Manriquez Reyes. **Tradução comentada da HQ Dans mas yeux, de Bastien Vivès**. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) - Universidade Federal de Santa Catarina, 2018.

SIMÕES, Alex Caldas. **A configuração de gêneros multimodais: um estudo sobre a relação gênero-suporte nos gêneros discursivos tira cômica, cartum, charge e caricatura**. Dissertação de Mestrado, DLA - UFV: 2010.

TITFORD, Christopher. Sub-titling Constrained Translation. In: **Lebende Sprachen**, n.3, 1982.

VALERO GARCÉS, Carmen. La traducción del cómic: retos, estrategias y resultados. **TRANS: Revista de Traductología**, 2000, n. 4, p. 75-88. Disponível em: <https://doi.org/10.24310/TRANS.2000.v0i4.2518>. Acesso em 8 nov. 2024.

VEIGA, Edison. **Brasil de fato**, 28 jun. 2021.

Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/06/28/livro-popularizado-pela-fake-news-de-bolsonaro-sobre-kit-gay-faz-20-anos>. Acesso em: 24 nov. 2024.

VANDENBERGHE, Gérald. “Le guide du zizi sexuel : quand Titeuf révolutionne encore l'éducation sexuelle”. **RTBF**.

Disponível em: <https://www.rtb.be/article/le-guide-du-zizi-sexuel-quand-titeuf-revolutionne-encore-l-education-sexuelle-10647481>. Acesso em: 26 nov. 2024.

Resumo

A partir de uma análise crítica da tradução de *Le guide du zizi sexuel* (2001), de Hélène Bruller e Zep, do francês para o português (Aparelho sexual e cia, 2007), busca-se refletir sobre escolhas tradutórias presentes sobretudo

nos cartuns que figuram neste livro que ficou famoso no Brasil durante a campanha para as eleições presidenciais de 2018 por ter sido envolvido na falácia do “kit gay”. Será utilizado o modelo prático proposto por Lambert (2011) para uma análise textual — e paratextual — que permite, em alguma medida, examinar estratégias tradutórias.

Palavras-chave

Crítica de tradução; *Le guide du zizi sexuel*; educação sexual; cartuns; paratextos; *fake news*

Analyse critique de la traduction de *Le guide du zizi sexuel* (2001) vers le portugais du Brésil

Résumé

À partir d’une analyse critique de la traduction du français vers le portugais du livre *Le guide du zizi sexuel* (2001), d’Hélène Bruller et Zep (*Aparelho sexual e cia*, 2007), on réfléchit sur les choix de traduction présents notamment dans les dessins qui figurent dans ce livre devenu célèbre au Brésil lors de la campagne pour les élections présidentielles de 2018 pour être impliqué dans la question fallacieuse du « kit gay ». Le modèle pratique proposé par Lambert (2011) sera utilisé pour une analyse textuelle – et paratextuelle – permettant, dans une certaine mesure, d’examiner les stratégies de traduction.

Mots-clé

Critique de traduction; *Le guide du zizi sexuel*; éducation sexuelle; dessins; paratextes; *fake news*

Critical analysis of the translation of *Le guide du zizi sexuel* (2001) into Brazilian Portuguese

Abstract

Based on a critical analysis of the Portuguese translation of *Le guide du zizi sexuel* (2001), by Hélène Bruller and Zep, published in Brazil as *Aparelho sexual e cia* (2007), this study aims to reflect on translational choices, especially those found in the cartoons featured in the book. This work gained notoriety in Brazil during the 2018 presidential election campaign due to its involvement in the so-called “gay kit” hoax. The analysis draws

on the practical model proposed by Lambert (2011), which enables both textual and paratextual examination and offers insight into translation strategies.

Keywords

Translation criticism; Le guide du zizi sexuel; sex education; cartoons; paratexts; fake news